

A historiografia da arquitetura e das cidades, de fato, "importa"?

Um balanço
sobre algumas
histórias
transnacionais
do espaço
construído

Fernando
Atique

A historiografia acerca da arquitetura e das cidades vem enfrentando a tarefa de lidar com a circulação de saberes, pessoas, técnicas e discursos, de maneira a evitar as costumeiras abordagens teóricas que se valem de esquemas em que as noções de "imperialismo", "dominação-subjugo", "ideias fora do lugar", "ressonância", "centro e periferia" e "importação de modelos" aparecem como estruturas apriorísticas da escrita historiográfica (BRESCIANI, 2014; ATIQUÉ, 2010; BENDER, 2002). Em específico, têm-se notado que a abordagem conhecida como *transnational history* (história transnacional) possui potencial para sanar as questões inerentes a instituições e cidades que foram centros de procura por profissionais que se deslocaram geograficamente, sem cair nas armadilhas "nacionalistas" recorrentes na produção historiográfica de nossa área de atuação.

A intenção deste artigo é mostrar o que tem sido feito dentro da seara teórica conhecida como "transnacional" nas últimas décadas. Não se trata de um documento pronto e muito menos de um manual de atuação, mas sim de uma costura de autores, práticas historiográficas e temáticas de investigação, que enfrentam a incorporação do dado não-geográfico do conhecimento sobre o urbano ao analisar a sua própria produção no espaço.

Como pontuou a socióloga Velia Cecilia Bobes León¹, o transnacionalismo, em grande parte das Ciências Humanas, "é entendido como um conjunto de laços, posições em rede e organizações que atravessam as fronteiras" das nações. Esses "laços podem ser tanto institucionalizados", como "de natureza informal (vínculos familiares e empreendimentos informais dos migrantes em suas relações com o lugar de origem e destino)" (BOBES LÉON, 2012, p.13).

A história transnacional, entretanto, não é compreendida de forma única e, tem sido duplamente alvo de crítica e louvação por investigadores de escolas historiográficas diversas. Se, para nós, que estamos analisando já há algumas décadas os espaços construídos nas Américas, ela parece ser adequada, convém, primeiramente, introduzir o debate que emoldura esta abordagem para tecer algumas conclusões a que chegamos.

A primeira possibilidade de moldura para a expressão ocorre ao tentar diferenciá-la de *global history*, ou história global. Conforme a historiadora da arquitetura, Swati Chattopadhyay²,

O termo "história global" tornou-se popular nos anos [19]90, na esteira da globalização neoliberal, funcionando em grande parte como uma crítica à globali-

zação. A história transnacional assume a migração, tanto forçada quanto não-forçada, como o conceito-chave e está comprometida em compreender como os processos históricos, em particular as desigualdades sociais, são moldados na passagem de um espaço para outro. Pode-se argumentar que, ao contrário da história mundial e global, a história transnacional não se inclina a explicar os fenômenos mundiais. Diferenças entre essas abordagens que poderiam ser mais importantes teriam a ver com a concepção de universalidade que elas adotam e como os termos relacionados são utilizados para fins políticos. (CHATTOPADHYAY, 2015, p.414, nota 12).

A mesma autora, contudo, nos apresenta um alerta importante:

De fato, as distinções entre as histórias internacionais, transnacionais, globais e mundiais não estão resolvidas — os rótulos às vezes são usados de forma intercambiável — mesmo entre historiadores que professam praticar essas formas de história [conscientemente]. Esses acadêmicos compartilham um interesse em rastrear as complexas redes de troca envolvendo os movimentos de pessoas, ideias e capital através de unidades territoriais como a nação, o continente, subcontinentais e através dos oceanos. (CHATTOPADHYAY, 2015, p.412).

Entretanto, como faz Kiran Klaus Patel³, professor na Universidade de Maastricht, na Holanda, rastrear a etimologia da expressão "transnacional" nos estudos históricos pode ajudar a compreender a razão de seu emprego. Segundo ele, uma das primeiras aplicações da expressão "transnacionalismo" se deu em 1919, nos Estados Unidos, em documentos que tratavam de imigração e identidade produzidos pela administração pública (PATEL, 2004). Patricia Clavin⁴, na mesma linha, tem produzido reflexões sobre os usos deste conceito, o qual mostra que existem especificidades para o emprego do transnacionalismo, a despeito de alguns pesquisadores que creem que seu uso possa ser uma forma de mascarar conflitos e controvérsias que se associaram a termos como "ações multinacionais" e "práticas imperialistas". Algumas das reflexões de Clavin acerca desta palavra nos interessam diretamente. A pesquisadora britânica aponta que "a despeito da precoce identificação" de que o transnacionalismo trata da "transferência ou do movimento de dinheiro ou de mercadorias" entre países, o enfoque principal do conceito é

Esta noção de encontro mostra que existe um protagonismo duplo nas análises transnacionais, diferente do procedimento da história comparada, que analisa de maneira estanque duas realidades

apresentar uma discussão "sobre pessoas: o espaço social em que elas habitam, as redes que elas formam e as ideias que intercambiam" (CLAVIN, 2005, p.422). Daí deriva a explicação de que muitos *scholars* que empregam esta expressão também recorrerem a uma outra: "encontros". Segundo David Thelan, "encontro transnacional" é

uma noção que carrega uma potência poética que sugere uma reflexão de como um fenômeno particular passou por sobre a nação, como um todo; como este fenômeno atravessou a nação, colidindo com características naturais ou produzidas pelo ser humano, ou como o mesmo fenômeno penetrou [a nação], transformando-a ou sendo transformado [por ela]. (THELAN, 1999, p.968, grifos do autor).

Assim, esta noção de "encontro" mostra que existe um protagonismo duplo nas análises transnacionais, diferente do procedimento da história comparada, que analisa de maneira estanque duas realidades, enfatizando a história local, para depois comparar similaridades e diferenças de duas nações, pouco se atendo às formas de observação, conflito, incorporação e, sobretudo, de circulação dos fenômenos e pessoas entre essas fronteiras políticas. Por esta razão, cai por terra a ideia de que história transnacional é apenas um rótulo novo para uma atitude imperialista, como algumas vezes pesquisadores afirmam, inclusive no Brasil.

A história transnacional também difere da "história internacional" pelo compromisso que esta última tem como os fenômenos julgados mais importantes na ordem mundial, como se estes fossem elementos óbvios e dados comuns a diferentes países e escolas historiográficas. Via de regra, a história internacional privilegia aspectos econômicos e políticos, sendo difícil de ser observada em estudos culturais ou em trabalhos com aspectos mais prosopográficos, e menos ainda nos urbanos. Sobre este ponto, Barbara Weinstein⁵ aponta que "diferente da história internacional, que incide sobre a interação entre as nações, a história transnacional enfatiza questões para as quais o país não é a principal arena de interação ou conflito" (WEINSTEIN, 2013, p.20). Esta colocação torna-se mais precisa quando a autora explicita que uma das estratégias da história transnacional é a de fazer mudar o nosso enfoque e a nossa atenção da esfera estritamente política, diplomática, econômica para a esfera cultural, privilegiando as reciprocidades e os intercâmbios cotidianos em vez dos momentos espetaculares de intervenção e conflito. Porém, frisa Weinstein,

a ideia não é substituir a esfera política pela esfera cultural, pelo contrário, o argumento é o da impossibilidade de entender os desdobramentos políticos sem uma consideração mais cuidadosa dos intercâmbios culturais e o papel da cultura nos projetos interamericanos (sejam os promovidos pelos *yankees*, sejam os promovidos pelos latino-americanos). (WEINSTEIN, 2013, p.13).

Ou seja: a história transnacional trata, também, de eventos históricos e atores sociais que não têm um ponto de origem que possamos identificar com clareza, mas que são vistos, sentidos e repulsados por comunidades específicas, como argumentou a historiadora Micol Seigel (2009). Julgamos sua definição muito válida. Para ela, os historiadores que enfocam "a história transnacional, exploram o global no local, via interações de grupos ou entidades que não cabem em limites nacionais" (SEIGEL, 2009, p.xiii). Seigel ainda toca em um outro aspecto relevante: compreender que a perspectiva transnacional não é um substituto para a história calcada na ideia nacional. Antes, "o valor do método transnacional é sua habilidade para examinar e criticar o nacionalismo que permanece uma força política e intelectual poderosa" (SEIGEL, 2009, p.xiii). E, como postulou Christina Klein, a perspectiva transnacional "permite-nos ver como o local e o global são inextricavelmente ligados um ao outro" (KLEIN, 2003,

p.20-21). Esta força "dupla" permite, inclusive, com que olhares inversos aos da historiografia eurocêntrica pré-Escola dos Annales, que pautaram a escrita de uma história do Norte para o Sul, e do continente europeu para "as periferias", tenham a exclusividade metodológica rompida. Permite-se, então, a emergência de estudos que colocam em igualdade as perspectivas Sul-Sul, Sul-Norte, América Latina-Europa, Ásia-Estados Unidos, África-América Latina, África-Estados Unidos e tantas outras possibilidades não tradicionais.

Entretanto, Weinstein aponta que essas relações não podem ser mostradas apenas com uma inversão de perspectiva, pois isso preserva a ideia de "rua de mão única". A saída também não é estudar isoladamente cada realidade e depois buscar os pontos de aproximação (WEINSTEIN, 2013, p.13). O caminho é encontrar os fluxos, os personagens e os arquivos que alimentam conjuntamente essa reflexão que extravasa as fronteiras geográficas, pois elas são, de fato, etéreas quando abordamos instituições, técnicas e práticas profissionais como as desenvolvidas por engenheiros e arquitetos, em especial depois da Segunda Revolução Industrial (ATIQUE, 2013, p.277).

Na produção menos teórica e mais próxima do "conteúdo" da nossa área, um dos trabalhos mais interessantes acerca do transnacionalismo, a despeito do título ainda alusivo à certa dominação nacional, é o *Exporting American Architecture: 1870-2000*, escrito pelo arquiteto estadunidense Jeffrey Cody⁶. No livro, Cody procura mapear as redes que os americanos, intencionalmente, forjaram ao contatarem colegas de profissão na Ásia, nas Américas do Sul e Central, na África e na Europa. Mesmo partindo de um ponto específico — os Estados Unidos —, Cody mostra que os estadunidenses procuravam seguir uma multiplicidade de abordagens: mandavam catálogos, enviavam delegados a congressos profissionais, agiam militarmente, mas, em especial, convidavam e estimulavam estudantes — visando o estabelecimento interessado de relações econômicas e profissionais futuras — para cursarem suas universidades. O resultado da investigação é muito interessante, uma vez que Cody consegue estabelecer os nós e as redes que entrecruzaram os interesses dos, e acerca dos, Estados Unidos (CODY, 2003).

Chattopadhyay, analisando o estado da arte sobre a produção historiográfica arquitetônico-urbanística nos EUA, aponta que lá há uma concentração de estudos "das ligações trans-pacíficas e pan-americanas, em vez do mundo atlântico" (2015, p.411). Esta percepção da autora engloba o trabalho de Cody. Esta ideia de uma História Atlântica, que tem emergido nos últimos vinte anos, en-

O caminho é encontrar os fluxos, os personagens e os arquivos que alimentam conjuntamente essa reflexão que extravasa as fronteiras geográficas, pois elas são, de fato, etéreas quando abordamos instituições, técnicas e práticas profissionais como as desenvolvidas por engenheiros e arquitetos

controu no seio da história política, em especial, grande adesão. O Brasil tem dado grande contribuição a esta produção, sobretudo ao tratar os fluxos de escravização na Era Moderna que, como sabemos, conecta territórios ao longo das costas oceânicas das Américas, Europa e África. Incomodamente, a produção sobre este enfoque no ambiente da arquitetura e do urbanismo é praticamente nula na América do Sul. Quando as relações atlânticas são historiadas, muitas vezes estas recorrem a dimensões do Movimento Moderno, que tem sido uma das pautas mais intensas das nossas investigações no Brasil.⁷

Ainda discutindo o ambiente americano devotado ao transnacionalismo, mas com foco específico sobre São Paulo, devemos apontar o trabalho de Cristina Peixoto-Mehrtens⁸. Ao estudar a cidade de São Paulo, Mehrtens (2010) investigou as redes que faziam a construção identitária, tanto da cidade quanto de seus agentes. Desse modo, instituições americanas de ensino superior foram conectadas a filhos de imigrantes europeus radicados na

Tratar dos fluxos estrangeiros sem colocá-los em uma posição de "algozes da soberania nacional", muito menos como "heróis que vieram nos ensinar"

capital; a referências espaciais britânicas, bem como a profissionais forjados profissionalmente na América Hispânica. Ou seja, o livro de Mehrtens revelou que a abordagem transnacional abre reflexões inovadoras para a história da cidade de São Paulo, e, por tabela, também ao ambiente da história urbana, em sentido *lato*, pois ela passa a ser "prismática", reveladora de atores sociais que até então eram vistos como coesos (em origem) e coerentes (em atitudes políticas), mas que passaram a ser interpretados como contraditórios (nas práticas) e estrategistas (nas relações), desenhando um cotidiano mais denso e plural, desvelando negociações e uma "porosidade" social muito rica.

Tratar dos fluxos estrangeiros sem colocá-los em uma posição de "algozes da soberania nacional", muito menos como "heróis que vieram nos ensinar" a fazer arquitetura e cidade, parece ter sido a preocupação que Ana Lucia Duarte Lanna teve, ao reunir uma equipe de pesquisadores de gerações diversas e com objetos de pesquisas variados, que deram origem a vários produtos, dentre eles o importante livro "Os Estrangeiros e a Construção das Cidades" (LANNA et al., 2011). Identificar o estrangeiro não é, por si, uma estratégia transnacional. Contudo, documentar suas ações conectadas em territórios e em classes sociais diversas faz deste livro um importante documento acerca da história urbana de São Paulo, e em seu escopo há uma sequência de estudos com a preocupação transnacional.

Esta perspectiva analítica também se mostra descontinuada de novas compreensões da cidade no trabalho de Roseli D'Elboux (2015), que, analisando os deslocamentos de Joseph-Antoine Bouvard, arquiteto e consultor de assuntos urbanos, entre a Europa, o Oriente Médio e a América do Sul, discutiu a incorporação de procedimentos e estéticas em várias mãos, fazendo com que Bouvard deixasse de ser visto como um doutrinador francês e pudesse ser encarado como um estrategista interessado nas contrapartidas de cada local em que atuou, de maneira a garantir a efetividade de sua prática profissional. Pesquisas como as de Mehrtens, Lanna et al. E D'Elboux revelam a necessidade que a perspectiva transnacional impõe sobre a pesquisa em múltiplos arquivos. Se a história "local" já se vale da riqueza de se pesquisar em mais de uma instituição há décadas, os historiadores que se debruçam sobre o trabalho de investigação de fluxos, constituição de redes, prosopografia e imigração — dimensões que são caras à história na chave transnacional — precisam ter em mente que o trabalho *uniarchival*, ou seja, de pesquisa em um único arquivo, não permite a escrita de uma história com densidade suficiente para iluminar as novas perspectivas que se pretende com esta prática historiográfica.

A dificuldade imposta pela dimensão exposta linhas atrás é, por outro lado, fundamental para o desmonte da noção de "influência". O grupo de pesquisa História Social do Trabalho e da Tecnologia como Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo, liderado por mais de vinte anos por Maria Lucia Caira Gitahy, na FAU-USP, formou uma sequência de pesquisadores que se lançaram ao desafio de entender as fontes primárias sobre agentes atrelados à arquitetura e ao urbanismo, e que não se enquadravam nem como "mestres autóctones", tão recorrente em uma ala da nossa historiografia, e muito menos como em "vilões de um capitalismo dominador", noção presente em outro grupo de pesquisadores. Investigações como as de COSTA (2005), BERNADINI (2008), FONTANA FERRAZ(2008), CAMPOS (2007), dentre outros tantos colegas, permitiram o entrecruzamento de documentos obtidos na Europa, Estados Unidos, Argentina, México, dentre outras plagas, para entender as engenharias de atuação sobre os territórios e as cidades por personagens que estavam longe de serem "nacionais" em suas atuações, muito embora proferissem discursos nacionalistas, via de regra. Assim, tocando no assunto da formação dos campos de ação dos planejadores e dos arquitetos, o grupo liderado por Gitahy (1994), a partir de reflexões que ela mesma lançou no começo dos anos 1990, se coadunam ao que expôs Erik van

Dentre as vantagens que ele oferece está a possibilidade de ver a adaptabilidade que o conceito de história transnacional tem como deflagradora de novas investigações

der Vleuten em importante artigo sobre as possibilidades de uma história transnacional da ciência e da tecnologia.

Vleuten alinhavou as vantagens e os problemas que a emergência da "virada transnacional"⁹ têm ou pode produzir nos estudos sobre a tecnologia propriamente dita e de seus artifícios (2008, p.977). Dentre as vantagens que ele oferece está a possibilidade de ver a adaptabilidade que o conceito de história transnacional tem como deflagradora de novas investigações (2008, p.984). Estas considerações de Vleuten servem bem para a aproximação com o Clube de Engenharia do Rio de Janeiro. Instituição que veio à luz em fins de 1880, o Clube traz entranhadas em sua história ideias importantes para a nação que se desenharia na Primeira República, e para um projeto de Império que se mostrava em mutação, já na década de 1870 (MARINHO, 2008). Entretanto, a análise de seus associados, as relações que travaram entre si e com outros, e os cargos que ocuparam, fornecem pistas importantes para verificar que se tratava de uma instituição maior que "apenas" um órgão profissional brasileiro (ATIQUE, 2018). Esta argumentação foi explorada em artigo recente publicado na revista "Varia História", segundo o qual a montagem do Congresso Internacional de Engenharia, no bojo das comemorações do centenário da Independência do Brasil, em 1922, era, de fato, um evento transnacional (ATIQUE, 2018).

Outra pesquisa que nos ajuda a demonstrar as riquezas que uma abordagem "não nacionalista" ou "bairrista" tem a nos oferecer é a da historiadora Renata Geraissati Castro de Almeida. Estudante da contribuição de Rizkallah Jorge Tahan, um sírio de ascendência armênia em São Paulo, a historiadora urbana procura se atentar a aspectos que são importantes para a nossa discussão, uma vez que: a) ela procura não enxergar a cidade como

um produto técnico apenas; b) mostra como a produção do espaço é entrecruzada por representações simbólicas e não apenas de uma sociedade temporal e espacialmente demarcada, como São Paulo, antes, a produção de arquitetura feita por Rizkallah Jorge no Brasil está ligada a relações que manteve com sua terra natal, a Síria; c) investiga as redes de solidariedade e produção que Jorge Tahan manteve com a Síria, mas as entrecruza com as estratégias de sobrevivência e enriquecimento em São Paulo, com o Líbano e com territórios, como os Estados Unidos e com as "colônias" de imigrantes do Oriente Médio que, aqui, se aglutinavam ou distanciavam, conforme a necessidade política e social; d) e não se recusa a enfrentar o espaço construído como uma dimensão em que a história transnacional está manifestada efetivamente (ALMEIDA, 2018, p.27).

Há no trabalho de Renata Geraissati a explícita operação de "escalas". Para o campo da arquitetura, esta ferramenta é basilar. Operamos com a mudança de enquadramento de um edifício, indo de sua inserção regional para a urbana, para a quadra, desta para o lote, para a implantação, para as plantas, e chegamos aos detalhes de fixação de elementos. Todo arquiteto deve ser hábil para ao analisar o parafuso ainda assim se lembrar dos contextos que antecedem àquela representação em mínimo enfoque. A tarefa escalar na narrativa acerca do edifício e do urbano deveria guardar a mesma possibilidade de ação. A corrente historiográfica conhecida como micro-história foi fundamental no século XX e teve grande repercussão no Brasil (FARIA; CERASOLI; LIRA, 2014); no campo da Arquitetura e do Urbanismo, praticamente fundou uma escola historiográfica, que é a da produção de manuais biográficos sobre produtores do espaço, também já denominados de trajetórias profissionais. Esta seara é importante, pois abriu caminhos para não apenas uma renovação da pesquisa na área, mas fundeou a própria expansão da pós-graduação das faculdades de Arquitetura e Urbanismo. Hoje, embora ainda tenhamos muitas lacunas na compreensão da produção do espaço, já temos contribuições importantes acerca de seus produtores. Contudo, a criação desta "escola" nos parece ter produzido um problema também historiográfico em nossa área. Sabemos muito sobre personagens ditos magistrats, e sabemos bem pouco sobre as redes em que estes personagens estiveram inseridos. É muito comum vermos dissertações que discorrem de maneira (ainda) positivista sobre um produtor do espaço (arquiteto, engenheiro, geógrafo, construtor), fazendo elogios e tecendo comentários que mais aproximam o

trabalho a uma postura de "fã" do que a de crítico; que levam essas biografias mais a uma linearidade teleológica do que a uma procura pelas rugosidades e descontinuidades que todo viver tem. Alertas contra esta atitude têm sido feitos, destacando-se as importantes contribuições de CERASOLI (2012), FARIA (2016), ANGELO (2012), FELDMAN (2014), CAMPOS (2015), SILVA (2007), NOVO (2018), ARAVECHIA BOTAS (2016), ROLDAN (2018), DIAS (2019) e MOURA (2018). A tarefa de acompanhar a instauração de narrativas que o próprio sujeito investigado fez acerca de si é fundamental; é uma detecção da "escala" na escrita da história da arquitetura e do urbanismo e das conexões que formularam.

Por fim, outro tópico que tem me preocupado, pessoalmente, há vários anos, é o de fugir dos estereótipos de "dominação" e "influência". Se, ao nos aproximarmos de um fenômeno importante no ambiente urbano ou arquitetônico, claramente passarmos a rotulá-lo como inglês, americano, português, indiano etc., armaremos um esquema apriorístico de análise, que nos contaminará a buscar "dutos" e não "redes" na pesquisa que apenas principiamos. Outra expressão idiomática perigosa, que se parecia às palavras "dominação" e "influência", é também "ressonância", que designa explicitamente uma fonte produtora e impactos sucessivos ao redor dela. Quanto mais longe de um alto-falante, pior é nossa audição, em termos acústicos. Na história da arquitetura e do urbanismo, por analogia, quanto mais distante geograficamente da "fonte produtora do espaço" mais distorcida ou equivocada será a produção que estamos analisando? Se invertermos a questão poderíamos perguntar: por que isto que apontamos como "fonte" só se valeu destes aspectos em sua organização? Que outras dimensões de suas referências de proposição ficaram de fora? Os arquitetos e urbanistas operam por assimilação de referências, obtidas por olhar, por leitura, por redesenho. Mas é inegável que o ato projetivo é sempre baseado em alguma referência prévia. Esta noção é fundamental para o exercício de escrita da história da arquitetura e do urbanismo. Considerar, assim, autoria e circulação de conhecimentos no campo da produção do espaço é mais do que apenas apontar a genialidade dos nossos arquitetos. É verificar, também, a própria forma sendo modificada desde a concepção até a entrega de uma obra, mas ainda assim, expandindo a compreensão para as origens de tal uso formal, e as modificações feitas pelos usuários após a obra entregue. Há, aqui, uma nítida necessidade de construção de redes, que intrinsecamente estão dentro das concepções do transnacional, ainda mais depois

Outra expressão
idiomática
perigosa, que se
pareia às palavras
"dominação"
e "influência",
é também
"ressonância",
que designa
explicitamente
uma fonte
produtora
e impactos
sucessivos ao
redor dela

que os meios de comunicação foram acelerados, após a Segunda Revolução Industrial.

Estes questionamentos servem, por exemplo, para ilustrar esta argumentação. Tomemos a história dos *bungallows* que o Império Britânico fez construir em vários pontos de seus territórios na época do neocolonialismo. Sabemos, hoje, que aquilo que os britânicos chamaram de *bungallows* são apropriações de casas indianas, que foram transportadas como um produto *made in UK*, dentro da estratégia de ocupação de territórios dominados. Há trabalhos, ainda hoje, que dizem que há *bungallows* no Brasil, por conta da "influência britânica" que tivemos. Outros, argumentam que temos *bungallows* no país porque os britânicos dominaram nosso sistema econômico desde o Império, e que, por consequência, os membros daquela nacionalidade quiseram criar uma Inglaterra nos trópicos. Alguns colegas negam, por outro lado, que tivemos qualquer *bungallow* legítimo feito no país, pois fizemos tais edificações copiando "mal" a "matriz", dando origem a arremedos plásticos. São estudos que trabalham com concepções teóricas diversas, e muitas vezes são tributários de raciocínios descolados da própria compreensão da prática arquitetônica e urbanística.

Em todo caso, todas as situações acima descritas desprezam o circuito social da produção de tal tipologia arquitetônica, pois perguntas como as seguintes ficam de

fora da investigação: Por que é difícil nomear essa arquitetura em português?; Quem acompanhava a discussão internacional sobre a produção dessas casas no Brasil?; Que formação teve?; Como julgou pertinente construir um *bungalow* naqueles anos e naqueles lugares?; Como foi possível, em realidades tecnológicas e de trabalho tão díspares, conseguir um exemplar arquitetônico tão próximo daqueles que vemos em outras partes do mundo?; Por que determinados aspectos no Brasil divergem de estilos verificados em outras localidades?; Qual tipo de recepção a sociedade local teve acerca daquela arquitetura?

Tais considerações nos levam a pensar aquilo que Chattopadhyay, mais uma vez, grafou:

Para pensar a arquitetura em termos de fluxos, precisamos resistir à tentação de pensar no local como a instância do universal. Ampliando a ideia de universalismo — e com isso as figuras do geral e do particular que tantas vezes são reificadas na banalidade do global e do local — abriríamos a possibilidade de levar as micro-histórias à conversação com histórias globais, como micro-histórias globais da arquitetura. (CHATTOPADHYAY, 2015, p.414).

O que afirma Chattopadhyay, e tem sido referendado por vários autores preocupados com esta prática de escrever a história da arquitetura e do urbanismo, é que a história transnacional não consiste em averiguar as "micro-Franças" no Brasil. Esta é, antes, uma maneira de ajudar a tecer as redes e averiguar os desvãos da produção do espaço que certamente marcaram grande parte da história, em várias épocas, com grande impacto após a Segunda Revolução Industrial. Concluímos, assim, desfazendo o trocadilho que está no título deste artigo. A historiografia da arquitetura e do urbanismo importa? No sentido de ter importância, sem dúvida alguma, e, portanto, deve procurar ser aparelhada de reflexões teóricas do campo da história e das demais Ciências Humanas. Isso só nos levará a melhorar nossa maneira de reflexão e a observarmos a própria história das carreiras ligadas à produção do espaço, deixando de lado a "régua" apriorística que nos confinou por décadas a simplesmente "importar" explicações e a não olhar nossos objetos por vários lados.

AUTOR

Fernando Atique é arquiteto e urbanista (1999), mestre em Teoria e História da Arquitetura e do Urbanismo (2002) e Doutor em História e Fundamentos Sociais da Arquitetura e do Urbanismo (2007) pela Universidade de São Paulo nos campi de São Carlos e São Paulo, respectivamente. É professor associado de História, Espaço e Patrimônio Edificado no Departamento de História da Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), onde também coordena o grupo de pesquisa Cidade, Arquitetura e Preservação em Perspectiva Histórica (CAPPH). É autor dos livros "Memória Moderna: a trajetória do Edifício Esther (2 edições: RIMA, 2004 e FAPESP, 2013), "Arquitetando a Boa Vizinhaça: arquitetura, cidade e cultura nas relações Brasil — Estados Unidos (Pontes/ FAPESP, 2010) e "Arquitetura Evanescente: a destruição de edifícios cariocas em perspectiva histórica (EDUSP/ FAPESP, 2019). É membro do ICOMOS e da Associação Ibero-americana de História Urbana (AIHU).

NOTAS

1. Velia Cecilia Bobes León é uma socióloga cubana que desenvolve investigações sobre temas transnacionais, como migração e cidadania no México, onde está radicada desde 1998, lecionando na Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales (FLACSO) com Sede México.
2. Swati Chattopadhyay, indiana, é formada em arquitetura pela Jadavpur University, em Calcutá, Índia, com mestrado pela University of Arizona, e doutorado pela University of California at Berkeley, nos EUA. Ela leciona e pesquisa temas vinculados a uma dimensão não "euro-americanocêntrica" da história da arquitetura, no Departamento de História da Arte e Arquitetura, e no Programa de Literatura Comparada da University of California at Santa Barbara.
3. Nascido em 1971, Patel é historiador, com estudos na Alemanha e na Inglaterra. Suas investigações enfocam a dimensão política das relações internacionais da Europa e dos Estados Unidos, o que o levou a compreender as ações deste país na reconstrução europeia do após Segunda Guerra Mundial. Esta temática o levou a enfrentar o desafio transnacional da escrita da história. Mais recentemente, Patel tem discutido a ideia de história global.
4. Historiadora britânica, ela leciona e pesquisa na Oxford University temas ligados às relações internacionais, e, em especial sobre as relações britânicas no século xx.
5. Barbara Weinstein é professora de História do Brasil e da América Latina na New York University. Especializada em temas ligados à história de São Paulo e da Amazônia, tem produzido reflexões importantes no âmbito da teoria da história.

6. Jeffrey Cody trabalha no Getty Institute, em Los Angeles, no setor de conservação. Foi professor de História da Arquitetura em Hong Kong por muitos anos e pesquisou vários outros temas referentes às relações asiáticas em perspectiva transnacional.
7. A presidente do DOCOMOMO Internacional, a portuguesa Ana Tostões, tem desenvolvido estudos interessantes sobre esta temática e conta com algumas colaborações com brasileiros.
8. Cristina Mehrtens, paulistana, é arquiteta e urbanista pela FAU-USP. cursou o mestrado em Antropologia na Unicamp, e radicou-se no começo dos anos 1990 nos Estados Unidos, onde desenvolveu seu doutorado em História, cuja tese foi transformada no livro *Urban Space and national identity in 20th century, Brazil: crafting modernity*, publicado pela Palgrave-Palmlive, em 2010, e ainda sem tradução para o português.
9. Este autor pontua que a primeira "virada" (*turn*) transnacional surgiu nas Ciências Sociais, em especial entre os cientistas políticos, nos anos 1960 e começo dos 1970. No entanto, naquela época, muitos críticos apontaram que a expressão designava tantos fenômenos que, de fato, não permitia uma compreensão mais apurada das "vantagens" metodológicas. Conforme a citação de Samuel Huntington, alcançou-se popularidade, pagando-se o preço da imprecisão (HUNTINGTON, 1973 apud VLEUTEN, 2008, p.977). A segunda "virada" ocorreu nos anos 1990, e dentro dos estudos históricos.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Renata Geraissati Castro de. **Um artifice na urbanização paulistana: Rizkallah Jorge Tahan (1895-1919)**. São Paulo: Annablume; FAPESP, 2018.
- ANGELO, Michelly Ramos de. **Louis-Joseph Lebreton e a SAGMACS: formação de um grupo de ação para o planejamento urbano no Brasil**. 1. ed. São Paulo: Alameda Editorial/ FAPESP, 2012.
- ARAVECCHIA BOTAS, Nilce. Trânsito de ideias e conformação de práticas: arquitetura e urbanismo na ação habitacional do IAPI. Pós. *Revista do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAU-USP*, São Paulo, v.23, n.39, p.36-52, jul. 2016.
- ATIQUÊ, Fernando. Uma trama engenhosa: A montagem do Congresso Internacional de Engenharia, em 1922, e as relações diplomáticas entre o Brasil e o grupo McGraw-Hill. *Varia História*, Belo Horizonte, v.34, n.65, p.477-506, ago. 2018.
- _____. Fronteiras Etéreas: os caminhos pan-americanos da americanização. In: CAMPOS, Cristina de; ATIQUÊ, Fernando; DANTAS, George A. F. **Profissionais, práticas e representações da construção da cidade e do território**. São Paulo: Alameda/ FAPESP, 2013.
- _____. **Arquitetando a "Boa Vizinhança": arquitetura, cidade e cultura nas relações Brasil-Estados Unidos (1876-1945)**. Campinas:

- Pontes/ FAPESP, 2010.
- BENDER, Thomas (Org.). **Rethinking American History in a Global Age**. Los Angeles: University of California Press, 2002.
- BERNARDINI, Sidney Piochi. **Construindo Infraestruturas, Planejando Territórios: a Secretaria de Agricultura, Comércio e Obras Públicas do Governo Estadual Paulista (1892-1926)**. 2008. Tese (Doutorado) — Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.
- BOBES LÉON, Velia Cecilia. **Debates sobre transnacionalismo**. Ciudad de México: FLACSO, 2012.
- BRESCIANI, Maria Stela M. Entrevista. **Redobra**, UFBA, Salvador, a.5, 2014.
- CAMPOS, Cristina de. A reorganização do setor de obras públicas em São Paulo: uma análise através da trajetória profissional do engenheiro Paula Souza, 1869-1891. **Oculum Ensaios**, Campinas, v.12, n.1, p.157-171, jan.-jun. 2015.
- _____. **Ferrovias e saneamento em São Paulo: O engenheiro Antonio Francisco de Paula Souza e a construção da rede de infraestrutura territorial e urbana paulista, 1870-1893**. 2007. Tese (Doutorado) — Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.
- CERASOLI, Josianne Francia. O revival colonial nas Américas: maquinações de política, ciência e arte. In: SEIJAS, Jacy; CERASOLI, Josianne; NAXARA, Marcia. (Org.). **Tramas do político: linguagens, formas, jogos**. 1. ed. Uberlândia: Edufu, 2012, v.1, p.177-206.
- CODY, Jeffrey. **Exporting American Architecture: 1879-2000**. New York: Routledge, 2003.
- COSTA, Luiz Augusto Maia. **O moderno planejamento territorial e urbano em São Paulo: A presença norte-americana no debate da formação do pensamento urbanístico paulista, 1886-1919**. 2005. Tese (Doutorado) — Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.
- CHATTOPADHYAY, Swati. The Globality of Architectural History, University of California Press on behalf of the Society of Architectural Historians. **Journal of the Society of Architectural Historians**, v.74, n.4, p.411-415, dez. 2015.
- CLAVIN, Patricia. Defining transnationalism. **Contemporary European history**, Cambridge, v.14, n.4, 2005.
- D'ELBOUX, Roseli Maria Martins. **Joseph-Antoine Bouvard no Brasil**. Os melhoramentos de São Paulo e a criação da Companhia City: ações interligadas. 2015. Tese (Doutorado) — Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.
- DIAS, Michele Aparecida Siqueira. **Conexões ocultas na casa paulista: a Caixa Estadual de Casas para o Povo — CECAP — e suas relações com os EUA por meio da International Basic Economy Corporation — IBEIC**. 2019. Dissertação (Mestrado em História) — Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2019.
- FARIA, Rodrigo Santos de. Urbanismo e desenvolvimento municipal na Europa: os congressos municipalistas da Unión de Municipios Españoles. **Ciudades, Revista do Instituto Universitario de Urbanística de la Universidad de Valladolid**, v.19, p.1-19, 2016.
- FARIA, Rodrigo Santos de; CERASOLI, Josianne Francia; LIRA, Flaviana (Org.). **Urbanistas e urbanismo no Brasil: entre trajetórias e biografias**. São Paulo: Alameda/ Capes/ CNPq, 2014.
- FONTANA-FERRAZ, Artemis Rodrigues. **Arquitetura moderna das escolas "s" paulistas, 1952-1968: projetar para a formação do trabalhador**. 2008. Tese de (Doutorado) — Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.
- GITAHY, Maria Lucia Cairá. O Papel do Gabinete de Resistência dos Materiais da Escola Politécnica de São Paulo na Transferência da Tecnologia do Concreto para São Paulo, 1899-1925: Um Relato Preliminar de Pesquisa. **Cadernos IG — UNICAMP**, Campinas, v.4, n.2, p.29-70, 1994.
- HUNTINGTON, Samuel. Transnational Organizations in World Politics. **World Politics**, 1973. In: VLEUTEN, Erik van der. **Toward a Transnational History of Technology: meanings, promises, pitfalls**. **Technology and Culture**, v.49, n.4, 2008, p.977.
- KLEIN, Christina. **Cold War Orientalism: Asia in the middlebrow imagination, 1945-1961**. Los Angeles: University of California Press, 2003.
- LANNA, Ana Lucia Duarte; Peixoto, Fernanda Arêas; LIRA, José Tavares Correia de; SAMPAIO, Maria Ruth. **São Paulo, os estrangeiros e a construção das cidades**. São Paulo: Alameda, 2011.
- MARINHO, Pedro Eduardo M. de M. **Ampliando o Estado Imperial: os engenheiros e a organização da cultura no Brasil oitocentista, 1874-1888**. 2008. Tese (Doutorado) — Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2008.
- MEHRTENS, Cristina. **Urban Space and National Identity in early twentieth century São Paulo, Brazil: crafting modernity**. New York: Palgrave-Macmillan, 2010.
- MOURA, Carlos Thaniel. Domesticidade(s) em São Paulo? A construção do morar em perspectiva histórica e transnacional. In: XXIV ENCONTRO REGIONAL DA ANPUH-SÃO PAULO — História e democracia: precisamos falar sobre isso, 2018, Guarulhos. **Anais do XXIV ENCONTRO REGIONAL DA ANPUH**. Guarulhos: ANPUH-SP, 2018.
- NOVO, Leonardo Faggion. O lugar da arquitetura no império da técnica: redes e projetos profissionais nos Congressos Pan-Americanos de Arquitetos (1920-1930). **Revista Brasileira de História da Ciência**, v.11, p.141-154, 2018.
- PATEL, Kiran Klaus. Überlegungen zu einer transnationalen geschichte. **Zeitschrift für Geschichtswissenschaft**, n.52, 2004.
- ROLDAN, Dinalva D. Circulação de ideias e suas apropriações: uma reflexão sobre a história do urbanismo na América Latina através de diálogos disciplinares. In: V ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO, 2018, Salvador. **Anais do V ENANPARQ**. Salvador: FAUFBA, 2018. v.2. p.4937-4954.
- SILVA, Joana Mello de Carvalho e. **Ricardo Severo: da arqueologia portuguesa à arquitetura brasileira**. 1. ed. São Paulo: Annablume, 2007.
- SEIGEL, Micol. **Uneven Encounters: making race and nation in Brazil and the United States**. Durhan: Duke University Press, 2009.
- SINGER, Paul. Interpretação do Brasil: uma experiência histórica de desenvolvimento. In: FAUSTO, Bóris. **História Geral da Civilização Brasileira, tomo III — O Brasil Republicano**. São Paulo: DIFEL, 1984.
- THELAN, David. The nation and beyond: transnational perspectives on United States History. **Journal of American History**, Bloomington, v.86, n.3, 1999.
- VLEUTEN, Erik van der. Toward a Transnational History of Technology: meanings, promises, pitfalls. **Technology and Culture**, v.49, n.4, 2008.
- WEINSTEIN, Barbara. Pensando a História fora da Nação: a historiografia da América Latina e o viés transnacional. **Revista Eletrônica da Anphlac**, São Paulo, n.14, jan./jun. 2013.